DOSSIÊ – Artes, História das ciências e técnicas: interações

Da Alquimia à Química: a representação dos alquimistas nas pinturas de gênero holandesas do Século XVII (Coleção Eddleman and Fisher do Centro da História da Ciência da Filadélfia).

Maria Rita Guercio

Doutoranda em História Social - USP
mrguercio@hotmail.br

Como citar este artigo: Guercio, Maria Rita. “Da Alquimia à Química: a representação dos alquimistas nas pinturas de gênero holandesas do Século XVII (Coleção Eddleman and Fisher do Centro da História da Ciência da Filadélfia)”. *Khronos, Revista de História da Ciência*, nº10, pp. 65-78. 2020. Disponível em <<http://revistas.usp.br/khronos>>. Acesso em dd/mm/aaaa.

Resumo: Os itens da *Coleção Eddleman and Fisher* do acervo do Centro da História da Ciência da Filadélfia nos apresentam as pinturas de gênero holandesas do século XVII e XVIII e retratam o cotidiano daquele contexto sob diversas circunstâncias assim como documentam a percepção daquela sociedade dos alquimistas bem como dos iatroquímicos naquele período. A coleção nos oferece a oportunidade de refletirmos acerca deste momento crucial da história das ciências e das técnicas, quando a química está prestes a ser uma disciplina independente da alquimia e se institucionalizar enquanto conhecimento acadêmico dentro das Universidades.

Palavras-chave: alquimia; química; pinturas de gênero; ciência.

From Alchemy to Chemistry: the representation of alchemists in 17th century Dutch genre paintings (Philadelphia History of Science Center Eddleman and Fisher Collection)

Abstract: The Eddleman and Fisher Collection of the *Science History Institute* from Philadelphia, introduce us the Netherlandish gender paintings from the 17th and 18th centuries and depict the everyday life of the context under several views as well document the perception that society had of the alchemists and iatrochemists during that period. The collection offers us the opportunity to reflect on this crucial moment of the history of science and technology when chemistry is about to be a discipline independent of alchemy and to become institutionalized as academic knowledge within Universities.

Keywords: alchemy; chemistry; gender paintings, science.

Da Alquimia à Química: institucionalização de uma nova ciência

A alquimia, conhecida como a ciência que transforma chumbo em ouro, teve seu auge durante os séculos XVI e XVII na Europa. Mesmo não sendo considerada disciplina regular, conforme os ditames da ciência moderna, seu legado é incontestável, principalmente no que tange a história da ciência, pois como afirma o historiador da ciência, Lawrence Principe¹, a alquimia foi essencial para o estabelecimento das ciências experimentais. Através das atividades em laboratórios, os alquimistas descobriram diversas substâncias, processos e instrumentos. Todo o aparato alquímico e suas técnicas deram substrato para a consolidação da química como ciência moderna.

Os trabalhos dos alquimistas em seus laboratórios foram temas recorrentes entre os pintores holandeses e flamengos dos séculos XVII e XVIII. Era comum o registro em pinturas de cenas do cotidiano das diferentes profissões nos países onde a Reforma Protestante se infiltrou com mais força, como no norte da Europa. Desta forma, os alquimistas tornaram-se populares tanto na arte quanto na cultura nos Países Baixos. Esse movimento teve início quando das revoltas contra o regime absolutista espanhol nos Países Baixos durante o século XVI, ensejando na expulsão da comunidade “herege” dessas localidades. Como grande parte desse contingente que fugiu era em sua maioria comerciante, artesãos, artistas e intelectuais, esse movimento populacional para o norte da Holanda contribuiu para o crescimento econômico daquela região. Este florescimento comercial contribuiu para o início do incremento da comercialização de várias manufaturas, dentre elas se destacam as mercadorias de luxo, como as obras de arte, refletindo o poder aquisitivo de quem as adquirisse². Assim, durante o século XVII as cidades holandesas de Leiden e Haarlem se destacaram pelo estabelecimento de muitas escolas de pintura. Tem proeminência também as escolas de Rembrandt (1606 – 1669) em Amsterdam e de Peter-Paul Rubens (1577 – 1640) na Antuérpia.

As pinturas do século XVII representavam os alquimistas no decorrer do período durante o qual a alquimia e a química ainda estavam unidas. Foi somente no século XVIII que ocorreu a separação entre ambas. Até então, os alquimistas alegavam possuir a capacidade de acelerar a transformação das substâncias. Da mesma forma que a larva se transforma em borboleta, o vinho em vinagre, o trigo em pão, os alquimistas defendiam a ideia segundo a qual os metais menos nobres poderiam evoluir até se tornarem ouro. Para os alquimistas, a matéria assim como os metais podiam se desenvolver para um metal superior e declaravam que possuíam a capacidade de acelerar este processo.

¹ WILFORD, John Noble. *Transforming the alchemists*. The New York Times, August 1, 2006. <https://www.nytimes.com/2006/08/01/science/01alch.html>

² GORRI, Ana Paula e EICHLER, Marcelo Lendro. *Uma proposta para inserção da história da ciência no ensino de química a partir de pinturas sobre alquimia*. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

Acreditava-se em 1600 que existiam somente sete elementos básicos: ouro, prata, cobre, enxofre, estanho, mercúrio e chumbo. Através das proporções corretas entre estes sete elementos, seria possível a combinação de diferentes metais. Na tradição alquímica, a combinação exata entre enxofre e mercúrio, daria origem ao ouro, de modo que, os alquimistas fariam na superfície o que a Terra faz no seu subterrâneo, isto é, o aprimoramento dos metais³. Para que essa transformação ocorresse de forma mais rápida, os alquimistas deveriam aplicar um elixir a fim de corrigir os metais básicos quando da sua transformação em ouro. Esse elixir seria a Pedra Filosofal.

Assim como na atualidade o segredo da fabricação das armas nucleares é essencial para a segurança mundial, da mesma forma os segredos alquímicos deveriam ser observados com extremo rigor, caso contrário cairiam em mãos erradas. Desta forma, o material preparado em laboratório era de caráter sigiloso.

John Friedrich Helvetius (1630 – 1709) foi um famoso alquimista e botânico alemão que a princípio não acreditava na transmutação. Ocorreu que certo dia um estranho apareceu em sua casa, conforme seu relato, e através da utilização de uma substância cristalizada de tonalidade rubra, foi capaz de transmutar uma certa quantidade de chumbo em ouro. Helvetius ficou tão impressionado com aquele feito, que se tornou ele próprio um alquimista. Essa história era bem conhecida na Holanda e era provável que os pintores de gênero a conhecesse.

Um dos ramos que mais se desenvolveu em função da atividade alquímica foi a medicina, comumente chamada de iatroquímica. Paracelso (1493 – 1541) foi um dos precursores da alquimia aplicada na medicina, advogando a favor da utilização de curas através de substâncias químicas, contestando a medicina tradicional cuja tradição provinha desde Hipócrates e Galeno, tendo como fundamento a medicina baseada nos humores:

Os iatroquímicos rejeitaram muito da medicina tradicional e sua confiança somente nas plantas. Eles advogam a preparação química das plantas para aumentar sua força ou virar-se para o reino dos minerais e dos metais para encontrar remédios mais fortes⁴.

Aqueles que ainda eram adeptos da medicina tradicional dos humores alegavam que os iatroquímicos utilizavam venenos na composição de suas substâncias. De fato, eles utilizavam arsênico, antimônio, mercúrio, chumbo e outros metais pesados, mas como Paracelso afirmava, “a diferença entre o remédio e o veneno está na dosagem”, argumentando a favor destas substâncias, desde que prescritas na dosagem correta.

³ ELIADE, Mircea. *Herreros y alquimistas*. Madrid, Alianza Editorial, 1974.

⁴ PRINCIPE, Lawrence M. & DEWITT, Lloyd. *Transmutations: Alchemy in Art. Selected Works from the Eddleman and Fisher Collections at the Chemical Heritage Foundation*. Philadelphia, Chemical Heritage Foundation, 2002, p. 4.

Vale ressaltar que de acordo com os textos que abordam a iconografia da ciência desde seus primórdios, a representação dos químicos que se construiu através da História foi a do indivíduo com um frasco na mão observando um líquido. Essa representação adveio dos alquimistas cuja imagem foi criada justamente a partir dos métodos da uroscopia aplicada na medicina, tornando-se uma imagem estereotipada do químico presente no imaginário popular da ciência em geral⁵.

Através da tradução dos textos alquímicos árabes durante o período medieval, ocorre o estabelecimento da primeira escola de medicina na Europa, em Salerno, constituída no século X. Era uma medicina bastante pragmática, distante do currículo de caráter aristotélico das escolas eclesiásticas e tinha como pedra angular os preceitos de Galeno e sua medicina dos humores (fluidos) corporais sendo que a urina tinha destaque, porque fornecia maiores indícios do quadro clínico dos pacientes. O símbolo escolhido para representar os médicos foi justamente um indivíduo analisando um frasco em sua prática de uroscopia. Nos principais tratados médicos conhecidos até então, como o *Canon medicinal* de Avicena, *Articella* de Galeno e *Aforismo* de Hipócrates, todos continham ilustrações de uroscopia, de modo que:

No final do século XIV, a uroscopia era um emblema público de medicina estabelecido através da Europa⁶.

Relevo de medicina de Andrea Pisano (1295-1348) a partir do desenho de Giotto (1267 – 1337). Campanário de Giotto, Catedral de Florença.

Em decorrência da tradução dos registros de uroscopia para línguas vernaculares, estes textos se tornaram extremamente populares entre os pacientes, de modo que muitos se autodiagnosticavam, ocasionando muitas fraudes. Por conta disso, o símbolo da medicina tornou a ser novamente o Cetro de Asclépio, o mercúrio ascendente.

A uroscopia começou a fazer parte da iconografia alquímica somente no século XVII, difundida pelas pinturas das escolas holandesas. A ligação entre alquimia e a uroscopia se estabeleceu devido, primeiramente, a utilização de frascos bem como de diversos outros utensílios

⁵ SCHUMMER, Joachin & Spector, Tami I. *The visual image of chemistry perspectives from the History of Art and Science*. HYLE – International Journal for Philosophy of Chemistry, vol 13 (2007), 3 – 41, p. 7.

⁶ Idem, p. 4.

de laboratório por ambas; em segundo lugar, a uroscopia teve relevância para a alquimia devido a importância que Paracelso conferia a ela e por último, os laços se estreitaram entre os alquimistas e a uroscopia devido ao fato de que ambas tiveram suas imagens associadas a fraudes. Joan Batista van Helmont (1577 – 1644) corroborava os postulados de Paracelso e como ele, trabalhou para a formulação de novos remédios. Para estabelecer seus diagnósticos, analisava a urina, sangue e certos fluidos do corpo humano de modo que suas descobertas e métodos influenciaram a medicina tradicional estabelecida desde tempos remotos. Desta forma, desde o início do século XVII, o desenvolvimento e a aplicação da medicina química na investigação das enfermidades já estavam bem estabelecidos.

Podemos observar também que durante o século XVII os conhecimentos alquímicos foram aplicados em inúmeros ramos industriais, como na confecção de tintas, perfumes, pólvora e para outros produtos em questão. O desenvolvimento do comércio garantiu oportunidades de emprego para muitos alquimistas. Esse foi o caso de Ambrose Godfrey Hanckwitz (1660 – 1741) que trabalhou como assistente de Robert Boyle (1627 – 1791), aprendendo com ele o processo de fabricação do fósforo. Ambrose posteriormente tornou-se dono de uma companhia, fundada em 1680, que lhe rendeu muitos lucros com a comercialização do fósforo que aprendera a fabricar com Boyle, tornando-se um homem rico em decorrência de seu aprendizado da manipulação alquímica.

Assim como o fósforo, diversos outros produtos químicos foram descobertos pelos processos alquímicos através do método da destilação, garantindo trabalho a muitos alquimistas sob diversas ocupações e operações, como afirmam Principe e Dewitt:

Os ácidos minerais (sulfúrico, nítrico e hidrocloreico) necessários para testar e separar metais preciosos, por exemplo, foram todos preparados de destilação, bem como de óleos essenciais, álcool, perfumes e águas medicinais. Assim, a indústria química do século XVII tinha já um mercado para suas mercadorias químicas⁷.

Apesar do gradativo aumento da aplicação dos conhecimentos alquímicos em muitos aspectos das atividades diárias, bem como se observa o paulatino aumento da comercialização de produtos decorrentes da descoberta de novas substâncias e processos alquímicos, ainda assim os alquimistas eram vistos com parcimônia na sociedade daquele período. Muitos eram considerados fraudulentos e charlatões. Os alquimistas, por sua vez, alegavam que somente imitavam a natureza e tentavam criar novos produtos. Seus propósitos eram o de trabalhar em auxílio à natureza a fim de alcançar seus objetivos e no século XVII esse poder transformador foi bem aceito, principalmente no tocante a produção de novos remédios e substâncias que auxiliariam

⁷ PRINCIPE & DeWITT, op. cit., p. 6.

na rotina da humanidade. A crisopéia, que é a arte de fazer ouro, esta sim, não era muito bem vista, pois o temor de se difundir ouro falso era muito grande. Foi por este motivo que Henrique IV proibiu a alquimia na Inglaterra em 1404, assim como o Papa João XXII criou uma bula contra a alquimia em 1317.

Do mesmo modo que na atualidade cientistas que se dedicam a pesquisas controversas, como clones, células-tronco, etc, geram polêmicas, também naquele período os alquimistas eram mal interpretados, sempre vistos com suspeita, como possíveis fraudadores, como afirma a historiadora Dana Rehn:

A análise das imagens e identidades dos alquimistas nas pinturas holandesas do século XVII revela a nossa própria visão prévia do “cientista” e a atitude cultural ambivalente em relação à mudança científica⁸.

Diversos alquimistas buscavam na realidade descobrir novos produtos ou desvendar novas substâncias, mas muitos deles eram confundidos como falsificadores. Para solucionar este impasse, algumas medidas foram tomadas durante o século XVIII, para que o conhecimento alquímico tivesse uma forma de propagação na sociedade. A primeira das mudanças foi a separação do conhecimento alquímico da química, tornando-se esta uma ciência assentada somente sobre parâmetros materiais no que diz respeito à realidade, deixando de lado sua natureza oculta e filosófica. Em seguida ocorre a institucionalização da química como disciplina acadêmica e finalmente tem-se a aplicação sistemática da química na medicina, contribuindo para profundas mudanças no tratamento das moléstias humanas. De modo que, enquanto ocorre uma valorização ascendente da química como disciplina reconhecida em universidades (entre 1720 e 1730 a química já se equiparava em importância a outras disciplinas acadêmicas) sendo enaltecida na própria *Royal Society* de Londres, a alquimia caminhava para seu declínio, tornando-se um conhecimento gradativamente obscuro e obliterado.

Alquimia e Arte: as pinturas de gênero holandesas durante o século XVII

O *Instituto da História da Química*, que posteriormente se tornou o *Centro de História da Ciência*, situado na Filadélfia no estado norte-americano da Pensilvânia, possui um acervo de pinturas holandesas do século XVII e XVIII, intitulada *Coleção Eddleman and Fisher*. A coleção tem como estilo as pinturas de gênero, cujas representações procuram retratar eventos cotidianos da realidade bem como o registro de cenários e costumes das sociedades retratadas, não se

⁸ REHN, Dana Kelly –Ann. *The image and identity of the alchemist in Seventeenth_Century Netherlandish Art*. School of History and Politics. University of Adelaide, July 2011, p. 102.

atendo a grandes acontecimentos históricos. As pinturas de gênero foram amplamente produzidas e comercializadas em Flanders e na Holanda durante o século XVII. Os principais compradores eram pessoas da classe média como mercadores, banqueiros, físicos (médicos) dentre outras figuras abastadas daquela época. Príncipe e Dwitt afirmam, no entanto, que as pinturas de gênero, mais do que retratar uma situação típica da sociedade, possuem também uma mensagem moral daquilo que procuram representar:

(...) há um tom crítico na atividade humana e na sua loucura. Artistas de gênero eram frequentemente interessados na ' vaidade' da vida contemporânea e queriam comentá-la. (...) As gravuras de gênero costumavam ter subtítulos que alertava contra o vício e a ganância⁹.

Alertando sobre os perigos da vaidade ou dos vícios, ilustrando a realidade como um retrato e fazendo várias outras referências, a *Coleção Eddleman and Fisher* nos fornece um importante legado sobre a percepção da sociedade sobre os alquimistas no âmbito daquela realidade. Abaixo segue algumas pinturas e uma análise das mesmas, ressaltando que, nosso interesse se restringe em gravuras que compreendem o século XVII, pois foi o período durante o qual a química e alquimia ainda estavam unidas, na medida em que somente no século XVIII a química torna-se uma ciência independente.

Pieter Brueghel - *O Alquimista* (1558)

⁹ PRINCIPE & DeWITT, op. cit., p. 10.

O quadro *O Alquimista*, pintado por Pieter Brueghel em 1558, procura retratar os perigos que alquimia pode ensejar naqueles que não controlam sua cobiça, podendo levar o indivíduo a loucura. Na obra, enquanto o alquimista procura, quem sabe quantas vezes, a transmutação alquímica, sua esposa averigua se ainda encontra algumas moedas em sua bolsa e parece não encontrá-las, enquanto um assistente vestido de bobo da corte insufla ainda mais o fogo. No canto superior à direita, vê-se uma projeção futura da mesma família, pedindo auxílio pelas ruas, numa clara representação de alerta contra o vício da cobiça e da ganância.

Richard Brakenberg - *Alchemist's workshop with children playing*

Na gravura *A oficina do alquimista com crianças brincando*, Richard Brakenberg (1670 – 1702) também apresenta uma visão moral dos alquimistas. A imagem tem ao centro a imagem de uma mulher, provável esposa do alquimista, demonstrando sua insatisfação ao marido diante das atitudes dos filhos que imitam o pai alquimista, brincando com seus utensílios e gesticulando conforme o pai. O ambiente é modesto e seus trajes são simples. Elementos religiosos na parede parecem oferecer uma advertência moral para aquela situação.

David Teniers, The Younger - *Alchemist in his Workshop* (1650)

Ao contrário da visão de caráter moral com a qual Brueghel e Brakenberg retrataram os alquimistas no século XVI, David Teniers (1610 – 1690) apresenta aspectos mais positivos no tange aos alquimistas, se atendo em aspectos cotidianos e característicos de seus ofícios. Suas gravuras influenciaram muitos artistas de pinturas de gênero assim como muitos dos elementos utilizados por Tenier em suas gravuras foram reproduzidos por outros pintores. No caso da gravura acima, *Alquimista em seu Ofício* (1650), Teniers retrata diversos utensílios utilizados pelos alquimistas, como aparelhos de destilação, alambique, atanor, etc. Desta forma, Teniers procurou representar o cotidiano de um alquimista através de seus instrumentos, suas atividades mais comuns presentes em seu dia-a-dia bem como artefatos que este utiliza frequentemente no seu ofício diário.

David Teniers, The Younger - *An Alchemist's Laboratory* (1650)

As diversas gravuras de pinturas de gênero holandesas do século XVII apresentam ambiguidades no que tange a percepção com que os alquimistas são retratados. De um lado, são considerados tolos ou charlatães, motivados pela cobiça e pelo desejo de enriquecimento fácil.

De outro lado, são ilustrados como indivíduos que possuem um ofício como outro qualquer, tal como um ferreiro, ou ainda retratados como indivíduos estudiosos, pois muitas gravuras apresentam os alquimistas concentrados em seus livros, como na pintura acima de Teniers, *O Alquimista em seu Laboratório*.

De modo que, enquanto Brueghel acentuou aspectos negativos que contribuíram para denegriam a imagem dos alquimistas, de outro lado, pintores como David Teniers, destacaram aspectos positivos dos alquimistas, fornecendo elementos elucidativos de seu ofício bem como de seus aparatos. No caso da gravura abaixo de Thomas Wyck (1616 – 1677), intitulada *Um alquimista em seu estúdio*, tem destaque em primeiro plano o seu alambique, seus livros e um globo. Mas Wyck também nos apresenta o alquimista vestindo uma elegante indumentária e a presença de um pássaro em sua janela, indicam que o alquimista além de possuir conhecimento, também se tornou uma pessoa abastada em bem sucedida.

Thomas Wyck (1616 – 1677) – *An Alchemist in his Studio*

Cornelis Pietersz Bega – *The Alchemist* (1663)

Também se enquadram nas gravuras representativas dos alquimistas, imagens que retratam o cotidiano de seu trabalho, no momento mais importante de seu ofício, quando ocorre algo associado a transmutação. É o caso da gravura *O Alquimista* (1663) de Cornelis Bega (1631 – 1664) que nos apresenta em seu retrato um homem vestido com roupas simples, segurando uma balança em uma mão e na outra uma substância vermelha, supostamente a Pedra Filosofal. Ofuscado pelo ambiente escuro e desordenado, Bega nos transmite indícios de que por detrás de sua humilde aparência, o indivíduo é um adepto, um iniciado, que esconde muitos conhecimentos e riquezas. De modo que, a rejeição ao exibicionismo e a humildade demonstram o esforço de Bega em nos transmitir uma mensagem moral elogiável com respeito aos alquimistas.

Ao lado da representação da alquimia de transmutação, temos também a alquimia médica, como na figura abaixo de Balthasar van den Bossche, denominada *O Iatroquímico*. Aqui temos o retrato de um alquimista que aplica seus conhecimentos na medicina, realizando um diagnóstico ao examinar a urina de seu paciente, denominada uroscopia. *O Iatroquímico* de Bossche ilustra a prática médica de investigar visualmente os fluidos do corpo humano como urina, pus ou sangue do paciente, a fim de constatar a natureza da sua doença. A imagem retrata a alquimia enquanto iatroquímica, cujos conhecimentos são aplicados nas ciências farmacêuticas e médicas, que naquele período era mais bem vista do que a transmutação.

Balthasar van den Bossche, *The Iatrochemist* (1700)

Mattheus van Helmont– *The Alchemist*

A pintura de Mattheus van Hemont (1623 – 1679) intitulada *O Alquimista*, também representa a correspondência entre alquimia e a medicina. A cena retrata a presença de muitas

ferramentas e materiais utilizados tanto na alquimia bem como na arte, tendo destaque a figura do *écorché*, uma pequena escultura situada na mesa do alquimista que era muito utilizada tanto por artistas quanto por estudantes da anatomia humana. Dentre outros utensílios se destacam livros, velas, crânio humano, denotando grande estudo bem como o alambique e o atanor aceso, sendo insuflado pelo seu assistente. Além da escultura representativa do estudo do corpo humano, a ligação entre a alquimia e a medicina na gravura acima pode ser constatada pela postura do alquimista, observando um frasco em sua mão esquerda quando realiza provavelmente uma uroscopia.

Considerações Finais

A *Coleção Eddleman and Fisher* do acervo do Centro da História da Ciência da Filadélfia reúne um importante acervo das pinturas de gênero holandesas dos séculos XVII e XVIII. Detivemo-nos principalmente sobre gravuras do século XVII, período durante o qual a química e a alquimia ainda estavam unidas. A partir destas pinturas, conseguimos vislumbrar a importância da alquimia para aquela sociedade, considerada um ofício como tantos outros, mas guardando algumas particularidades. Dentre as singularidades, estava a capacidade de transmutar chumbo em ouro, tornando-se um ofício que abria oportunidades para fraudes, de modo que muitos pintores trataram esses alquimistas como charlatões ou falsificadores. São gravuras de cunho moral. De outro lado, imagens representativas da alquimia aplicada ao estudo de novas substâncias e procedimentos ou mesmo na medicina, eram gravuras de caráter informativo, que sob este viés o ofício do alquimista era visto de forma mais assertiva na sociedade em questão, como afirmam Lawrence e Dewitt:

*A arte química poderia ajudar a natureza não somente para alcançar seus objetivos, mas para excedê-los. Esse poder transformador da alquimia era bem visto no século XVII*¹⁰.

De qualquer forma, os alquimistas retratados pelas pinturas de gênero holandesas do século XVII ilustravam muitos aspectos do que os alquimistas faziam em seus laboratórios, quais materiais utilizavam bem como seus procedimentos: “*Seria a alquimia uma ciência, magia ou um pouco dos dois?*” questionam Lawrence e Dewitt. O mundo em torno do qual trabalhavam os alquimistas, abarcava o conhecimento empregado em descobrir novos materiais bem como aplicado na medicina e ainda encerrava muitos outros mistérios e segredos. A iconografia representativa dos alquimistas inspirou posteriormente as gravuras características de laboratórios de química, res-

¹⁰ PRINCIPE & DEWITT, op. cit., p. 4.

ponsáveis pela configuração da imagem do cientista que conhecemos na atualidade. Tem destaque a iconografia alquímica com abordagem na uroscopia, que se tornaria a imagem dominante representativa do cientista no imaginário popular, ainda que este estereótipo possa ser questionado.